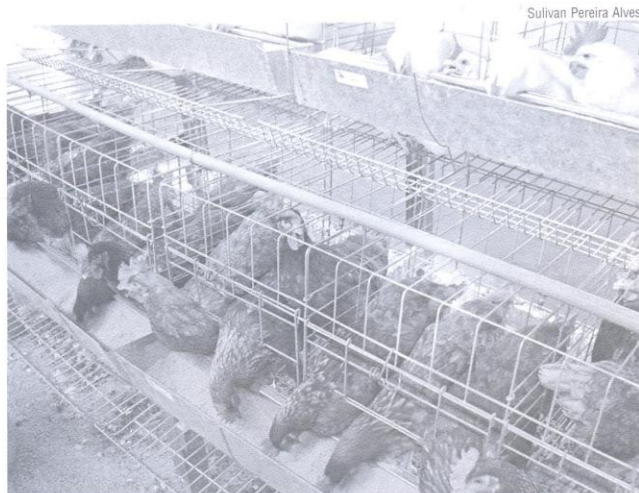


Novas regras da União
Européia vão fazer com que os
bichos vivam como muitas
pessoas pediram a Deus

QUALIDADE DE VIDA para ANIMAIS



Conforme Normas da União Européia, aves poedeiras já não podem mais ser criadas em sistema de confinamento



DIEGO AIDAR
EVELYN ARARIPE

A qualidade de vida passou a ser uma meta de muitas pessoas nos últimos anos. A importância à vida pessoal, ao bem-estar, fez muita gente abandonar uma rotina estressante por um salário ou um prestígio menor, mas com mais tempo no final de semana.

Mas agora essa preocupação chegou ao mundo animal. E não vai se tratar de uma opção, mas uma questão de sobrevivência no mercado. Trata-se do bem-estar animal.

Na verdade, bem-estar animal não tem uma definição ainda. O que existem são versões diferentes. Segundo a pesquisadora Sullivan Pereira Alves, zootecnista e doutoranda em Física do Ambiente Agrícola – Bioclimatologia



Animal, pelo programa de pós-graduação da Esalq/USP, “sintetizando, trata-se do estado em que o animal está em equilíbrio com o seu meio”.

A pesquisadora conta que as avaliações de bem-estar são medidas que foram determinadas pelo Comitê Científico de Veterinária Internacional, e devem ser feitas tomando como base a produtividade, o comportamento, a saúde e a fisiologia. “Portanto, é errado utilizar somente a produtividade como parâmetro, pois, não necessariamente, o animal que produz bastante está bem”, ressalta. Quando está confinado, o animal pode produzir mais; isso porque ele gasta menos energia, pois se movimenta pouco. Mas se por um lado ele se livra de algumas doenças, por outro o estresse pode trazer outras enfermidades.

E é aí que entram os estudos dos comportamentos dos animais, como explica Sullivan: “O comportamento aponta melhor as características que vão indicar maiores problemas. Observando o animal, é possível ver se ele está deprimido, pois o confinamento atrapalha os comportamentos naturais dele”.

O Brasil, como grande produtor de carne de frango e de carne bovina especialmente, vai ter que se preocupar com essas medidas para se manter no mercado. No país ainda não há nenhuma norma em vigor, mas é possível aproveitar essa nova exigência para ganhar mais mercado.

Enquanto o Brasil ainda estuda as providências práticas, na União Europeia essas regras já estão em vigor e caminham para serem cada vez mais exigentes. No caso de aves poedeiras,

por exemplo, já existe a proibição de serem colocadas em sistema de confinamento, que é mais agressivo.

José Antônio Delfino Barbosa Filho, engenheiro agrônomo e doutorando em Física do Ambiente Agrícola – Bioclimatologia Animal, pelo programa de pós-graduação da Esalq/USP, diz que essas regras também devem ser aplicadas para o mercado bovino. Ele, que pesquisa as operações pré-abate dos animais, diz que “até mesmo o modo de você colocar no caminhão, com violência ou não, afeta a qualidade da carne.”

A pesquisadora Sullivan fala das vantagens de os produtores se adaptarem às normas, já que elas estão ligadas à qualidade da carne: “O produtor sabe que qualquer operação pré-abate que não é bem feita influencia na má qualidade da carne. Já com ovo é o contrário; se há condições de bem-estar, numa galinha poedeira, deixá-la ir para o pasto pode piorar a qualidade do ovo, porque tendo, por exemplo, um sistema de criação com acesso a pasto há a probabilidade de se ter um ovo maior, com ovos ruins. Mas a carne não, se o produtor obedecer as regras de bem-estar, ele estará de certa forma lucrando mais, ganhando mais e não se sentindo tão prejudicado”.

A parte desagradável desse negócio é o custo que pode gerar. “Dependendo do país e do nível que você vai ter de modificação pode ficar de 8 a 16% mais caro. Em alguns países encarece mais e em outros menos porque há diferença também no preço de terras e mão de obra”, explica Sullivan. Mas números mostram que as adaptações valem a pena. Pesquisa feita nos Estados Unidos mostrou que 90% das pessoas entrevistadas aceitam pagar mais pelos alimentos produzidos de forma mais segura. Não é nem pelo bem-estar, mas pela segurança. Mas a pesquisadora faz ressalvas: “O que falta no mercado brasileiro é o esclarecimento da população a respeito de como são criados os animais”.

Pesquisas

No Brasil, as pesquisas crescem bastante. “O Nupea (Núcleo de Pesquisa em Ambiência) da Esalq/USP, há algum

tempo realiza pesquisas nesta área, as preocupações com o bem-estar não somente visam o animal, mas melhores condições de produção também. As pesquisas têm expandido para outras áreas”, diz a pesquisadora Sullivan e completa: “Estamos com projetos reconhecidos internacionalmente. São iniciativas de nível internacional”. Já Barbosa Filho avalia que no Brasil as pesquisas ainda não têm muita utilidade. Ele comenta que “elas estão muito pra frente. Mas lá fora elas já são mais reconhecidas. Aqui no Brasil, a preocupação do produtor é minimizar perdas, então ele aplica o bem-estar sem saber, mas sempre visando minimizar as perdas de produção”.

O Instituto de Zootecnia de Nova Odessa também já se preocupa com as questões de bem-estar animal. Em agosto de 2003, fundou o Comitê de Ética em Experimentação Animal, criado através de portaria na Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo e com o objetivo de emitir parecer e expedir certificados à luz dos princípios éticos estabelecidos pelo Cobeia (Colégio Brasileiro de Experimentação Animal).

Segundo o médico veterinário Jackson Barros do Amaral, pesquisador científico e presidente do Comitê de Ética em Experimentação Animal do Instituto, aplicar as medidas de bem-estar animal é muito importante, pois no decorrer das últimas três décadas os países desenvolvidos têm tido uma

preocupação ética significativa quanto ao seu tratamento e, no Brasil, este comportamento começa a despertar interesses sociais. Existe também a preocupação com o comércio internacional, sendo assim, é importante que os países estejam atentos quanto às novas regras, especialmente as exigências sanitárias. “Mesmo que ainda a Organização Mundial de Comércio não reconheça essas exigências”, explica o pesquisador.

Amaral acredita que o Brasil ainda está caminhando para atingir a adesão às normas na área. “O que existem são algumas iniciativas extremistas no uso de animais na experimentação científica, como exemplo a condenação de qualquer tipo de experimentação animal”, explica. Estas atitudes, em sua opinião, infelizmente, estereotipam a promoção do bem-estar animal.

Apesar de estar no caminho certo, se o Brasil não se preparar devidamente, pode perder mercado. As regras ainda não estão em vigor, mas isso não vai demorar em acontecer. As leis de

bem-estar animal nos países desenvolvidos já estão bem definidas, principalmente na União Européia, na qual já estão proibidas gaiolas para bezerros (para produção de carne de vitelos a partir de 2007), gaiolas para galinhas poedeiras (a partir de 2012) e gaiolas para porcas gestantes (a partir de 2013). “É essencial reconhecer que essa preocupação avança para o Brasil, sendo assim, o criador tem que estar preparado para inovações neste campo, que avança de forma acelerada”, ressalta Amaral.

Mas apenas criar as regras não basta. Na opinião do médico, os países têm que estar academicamente e economicamente preparados para as mudanças. “Acreditamos ser possível desenvolver novas práticas na criação que assegurem bons índices de produtividade e boa qualidade do produto, sem comprometer ou colocar em risco o bem-estar animal. Para isso, necessitamos melhorar o conhecimento sobre a biologia das espécies dos animais de interesse econômico e, principalmente, definir os limites éticos para nortear quais as práticas que deveriam ser eliminadas e quais as que seriam mais recomendadas”, observa.

Amaral conclui: “Sendo assim, não é fácil, pois precisamos de um novo paradigma para a produção animal. Novas técnicas de criação devem ser desenvolvidas e aprimoradas para promover o bem-estar animal”.



Organizações radicalizam e reivindicam humanização

Existem vários aspectos abordados na discussão sobre bem-estar animal, sendo um deles a questão do trato das espécies sem visar aspectos comerciais ou nutricionais, mas propondo melhores condições de vida aos bichos, tendo em vista suas relações com o ambiente e com a humanidade.

No Brasil já surgem alguns movimentos em prol dos animais. Muitos deles, radicalizam e entendem o consumo de carne animal, por exemplo, como uma agressão ao meio ambiente e à vida animal. Um exemplo é o movimento “Viva os Animais” (www.vivaosanimais.com.br),

que através do lema “não coma cadáver, torne-se vegetariano” prega uma filosofia segundo a qual os animais têm direito à vida. Consideram, portanto, um crime dos seres humanos consumir carne de animais. Para o “Viva os Animais” espécies como porcos, vacas e galinhas são seres com sentimentos, pois possuem experiências de amor, felicidade, solidão e medo, assim como cachorros, gatos, e pessoas.

Da mesma forma pensa o Instituto Nina Rosa (www.institutoninarosa.org.br), que busca promover um conhecimento sobre bem-estar animal, consumo sem crueldade e vegetarianismo. Para a ONG, é preciso promover a valorização da vida animal com amor e entender que “toda natureza é sagrada”. Portanto, para o instituto comer carne é uma forma de violência.

Em contrapartida, existem movimentos menos radicais, mas que pregam uma melhor relação entre homens e animais, como a Arca Brasil (www.arcabrasil.org.br), que visa, principalmente, servir como ferramenta de informação sobre os tratos com os animais, principalmente os domésticos, como cães e gatos.

O Arca Brasil promove discussões sobre “posse responsável de cães e gatos”, superpopulação destas espécies, adoção e protestos contra a caça.

Para a zootecnista Sullivan Pereira Alves, “o que acontece é que as pessoas estão colocando sentimentos humanos nos animais”. Ou seja, sentimentos antes tidos apenas como da raça humana, agora são entendidos por algumas organizações como de animais irracionais.